

DISPONÍVEL GRATUITAMENTE
NO BLOG UMA CARTA ÀS FLORES

o jardim
de
margaridas



UM CONTO DE MARIA C.

o jardim
de
margaridas

UM CONTO DE MARIA C.

1^a Edição: Agosto de 2023

Maria C. Henriques

Todos os direitos reservados.

Para Fernando.

*“Devemos ter uma boa memória para sermos capazes
de cumprir as promessas que fazemos.”*
-Friedrich Nietzsche

Qual é o valor de uma promessa?

Depende. Principalmente do porquê e para quem ela foi feita. Promessas, por vezes, são palavras que são jogadas aos ventos e se dissolvem como pólen das flores em dias primaveris. São um dia que se vai e cai no esquecimento. Memórias guardadas no fundo de uma gaveta.

Mas nesta história, uma promessa foi feita e foi cumprida.

Francisca e Benjamin se conheceram ainda crianças, naquela fase onde a adolescência bate à porta mas ainda não entra de vez. Devo acrescentar, também, que se “conheceram” entre muitas aspas - mesmo estudando em salas vizinhas, nunca haviam se trombado e nem trocado uma palavra sequer.

Sinceramente, nem havia motivo para tal.

Havia uma diferença gigantesca entre eles, daquelas que envolvem tantos fatores que seria impossível explicá-los. O principal é que ambos viviam em universos completamente diferentes, compartilhavam sonhos, propósitos e até mesmo caminhos que, para olhos descuidados, seriam impossíveis de serem cruzados.

Mas a graça da vida mora justamente nesses encontros. E este, demoraria 8 anos para acontecer.

Um dia, Francisca foi embora da cidade. Vivia se mudando para lá e para cá. A cada mudança, odiava mais essa vida incerta. Incerta de lugares, escolas e principalmente pessoas. Sempre muitas despedidas, mas cada vez menos apresentações. Odiava também quando tentavam fazer com que isso parecesse ser algo legal. Nunca nem sequer perguntavam o que ela achava disso, na verdade.

Cresceu sabendo que se quisesse ter controle sobre sua vida deveria crescer.

Seu pai e sua mãe eram rígidos, educação e valores conservadores marcaram seu crescimento, por mais que ela os questionasse internamente. Por isso e pela incerteza de quanto tempo ficaria em qualquer lugar, amigos e amores surgiam e desapareciam. Era sempre muito rápido e muito fácil dar adeus. Na maioria das vezes, Francisca queria que eles fossem de uma vez.

Cresceu sozinha, mesmo rodeada de pessoas. Alimentava relações superficiais pois não sabia até quando estaria por ali. Por isso, cortar relações era sempre muito fácil. Permitia-se, por vezes, ser uma pessoa totalmente diferente do seu interior. Sabia que, hora ou outra, não estaria mais ali. Seria apenas a lembrança de alguém que já dividiu sala, trocou confidências não importantes ou até mesmo promessas - as mesmas que nunca seriam cumpridas.

Foi chamada de extrovertida, tímida, caridosa, arrogante, inteligente, burra, madura para idade e infantil demais. E eram sempre as mesmas pessoas que achavam que sabiam de algo sobre ela, quando na verdade, nem ela sabia quem ela era. Estava se moldando às situações e tentando achar seu lugar no mundo.

Ela vai encontrar, um dia.

Por outro lado, Benjamin havia crescido na mesma cidade em que nasceu. Estudou na mesma escola, fez muitos amigos e vivenciou amores duradouros - não o suficiente. Mas diferente de Francisca, ele havia fincado suas raízes naquele lugar onde sua família havia se esticado por gerações.

Ele era leve como a brisa do mar e do rio que cortava aquela pequena cidade. Era caloroso, verdadeiro e tinha em seu peito uma vontade imensa de descobrir o mundo. Quis ser tanta coisa. Teve uma banda, quis ser músico e acabou por fazer algumas músicas para os amigos que estavam ao seu lado. Quis ser psicólogo, economista, publicitário e mais um monte de opções, das mais genéricas às mais diferentes.

O que quase ninguém sabia era que Benjamin nutria uma esperança de algo que não sabia exatamente o quê. Esperança que, um dia, estaria marcada em sua pele e na pele daqueles que passariam por sua vida.

Trabalhou muito mais do que deveria, para a pouca idade. Conseguiu fazer faculdade, mas não se dedicava muito. Benjamin sempre foi o tipo de pessoa que dava certo ao colocar a mão na massa. Nesse vai e vem de uma rotina exaustiva, Benjamin sentia que essa esperança pulsava cada vez mais em seu coração. Queria tudo diferente. Financeiramente, emocionalmente, pessoalmente... suas raízes começaram a se desprender daquele solo seguro, que parecia fértil.

Benjamin percebeu que não era um carvalho forte, fincado e seguro no mesmo lugar. Era passarinho. E, por isso, tinha sede de voar.

Um dia, uma proposta de emprego irrecusável abriu a porta de sua gaiola. Sentiu o ar entrar em seus pulmões.

Bateu suas asas e voou para longe daquela cidade.

Soube, no minuto em que o ônibus a cruzou que, mesmo que voltasse ali milhares de vezes, ali nunca mais seria seu lar. Essa foi a parte que mais doeu. Deixar para trás um lugar seguro e perceber que ali nunca lhe pertenceu.

O tempo passou para Benjamin, não demorando muito para que somente os familiares e amigos próximos ficassem. Colegas foram esquecidos, amores esfriaram e o mundo agora parecia grande demais para manter as pequenezas que são as relações sem propósito. Se descobriu como alguém diferente - e gostou de quem estava se tornando.



Um dia, os vinte e tantos chegaram para Benjamin e Francisca. Muitos quilômetros o separaram, além de um muro tão alto que ninguém ainda jamais poderia imaginar a possibilidade de ambos o escalarem e se encontrarem. Um reencontro que aconteceria de maneira inesperada.

A internet, controvérsia, havia nos tirado muito mas também nos apresentado do mesmo tempo. Foi ela que fez com que este muro fosse escalado e a vista do outro lado explorada - de maneira simples e despreziosa.

Benjamin, um dia, encontrou o perfil de Francisca por acaso em uma rede social. A curiosidade tomou conta de seus dedos que, rapidamente, exploraram o perfil daquela moça tão distante - antes e agora, mais ainda. Perguntou-se, inicialmente, como ela estava.

E a resposta era: ela estava bem, na medida do possível. Estava quase no fim da faculdade, lidava com suas próprias questões e mesmo com o passar dos anos, ainda buscava seu lugar no mundo. Cuidava dos outros mas nunca se cuidava, talvez este fosse seu maior defeito. Queria mudar o mundo mas não conseguia nem controlar o caos que era.

Enchendo o peito com quase a mesma coragem quando foi embora em busca do novo, Benjamin mandou uma mensagem. Em seguida, veio a resposta. E mais outra. Conversas por horas que viraram dias, dias que viraram semanas e semanas que virariam meses.

Tão rápido quanto este parágrafo, Francisca e Benjamin se apaixonaram.



Não houve um dia em que ambos não se questionaram, principalmente sobre os “e se?”. Mas também, não houve um dia em que ambos não se falaram desde então.

Benjamin agora tentava criar coragem para ir até ela. Perguntava-se também sobre como seriam as coisas fora daquele celular, temia que as mensagens fossem tudo que cabiam à eles. Por vezes, tudo aquilo parecia uma grande utopia, daquelas impossíveis de serem alcançadas.

Mas o tempo passou e, o que inicialmente poderia ter sido facilmente esquecido, havia crescido. Cresceu tanto que havia derrubado aquele muro. Não daria para esperar muito mais. Não havia mais nada que os impedia de estarem juntos, nem mesmo a distância.

No reencontro, descobriram que a casa de um era o outro. Não houve surpresas, mal-entendidos ou dúvidas, após isso.

Desta casa, nascia um jardim cheio de margaridas brancas.

E o tempo, o mesmo que passava depressa como um vento forte, se transformou em uma brisa suave.



A casa então se materializou e ambos dividiram o mesmo teto a mesma vida. Havia um gato e, não demorou muito para que outro e outro surgissem. A família parecia completa. E estava. A completude morava no tambor que ambos construíram, diariamente.

E, com isso, os anos foram passando.



Nos 40 e tantos, assim como os anos anteriores e os que sucederam, Francisca perguntava:

—Ficaremos para sempre juntos? — passava o braço ao redor de seu corpo, como quem o chamasse para dançar.

—Para sempre. — a resposta de Benjamin era sempre a mesma.

—Mas aqui, nesta vida, até os 92 anos? — ela insistia.

—Já disse que 92 é muita coisa! Até os 80 é o que aguento. — Benjamin sempre revirava os olhos, indignado com a condição da esposa.

—Você não ousaria me deixar aqui sozinha! — Francisca exclamava, indignada. — Além do mais, prometeu que ficaríamos juntos para sempre e, prometendo isso, ficará comigo. — completou.

—Você quer viver muito! — ele reclamou.

—Não muito, o suficiente. — ela o corrigia.

E esse diálogo se repetia centenas e milhares de vezes. Nunca se cansavam, mesmo que as respostas fossem as mesmas.



A vida discorria como as palavras que Francisca escrevia. Sentia-se realizada. Nunca havia escrito para muitas pessoas, se contentava com seu fiel leitor: Benjamin. Poesias, contos e livros encheram páginas e páginas, tão rapidamente que ela nem sequer percebeu que estava construindo um legado.

Enquanto isso, Benjamin se dedicou (além de seu trabalho) à maior virtude que lhe havia sido concedida: a de ter um dos corações mais magníficos que já existiram.

Ele inspirou Francisca.

Trazia esperança em tempos difíceis. Sorrisos em meio às lágrimas. Calmaria em meio ao caos. Graças à principalmente ele a vida foi leve, mesmo com as adversidades.

Eles não haviam tido filhos. Nunca tiveram essa vontade e nem sabiam dizer o porquê. No fundo, sempre souberam que tudo o que precisavam era da companhia um do outro. Não sentiram medo de perder a amizade, cumplicidade e paixão - sentimentos que os acompanharam até o fim. A verdade é que o destino havia reservado esse último momento para que a vida fosse somente deles. Nunca se arrependeram.



Um dia, perceberam que o tempo havia passado de maneira tão suave que nem sequer se deram conta que estavam na reta final. Francisca e Benjamin haviam completado 92 anos naquele ano.

Ela se sentou na cadeira de balanço e respirou fundo. Não conseguia lembrar de toda sua vida com clareza, a memória havia se tornado sua pior inimiga. Porém, sentia completude e felicidade ao pensar no passado. Não faltou absolutamente nada.

—Chá de cidreira. — ouviu a voz rouca atrás dela. Benjamin entregou-lhe a xícara e sentou-se ao seu lado. Ela fitou seu rosto.

Mesmo com as mudanças inerentes ao tempo, ele ainda mantinha a mesma aura forte e marcante. Os cabelos brancos e ralos, os olhos cansados e a respiração pesada eram marcas de uma vida longa e avisaram-na que o cansaço batia à porta. Naquele momento ela o amou mais do que nunca.

—Você cumpriu... — ela murmurou.

—O quê? — ele perguntou, virando-se para ela.

—Sua promessa. — completou.

—Que promessa? — insistiu.

—Você ficou comigo até os 92. — Francisca sorriu, colocando sua mão sob a dele.

—A contra gosto, mas fiquei. — ele deu os ombros, não querendo dar o braço a torcer. — Posso ir, agora? — perguntou, olhando para o rosto emocionado de Francisca, que balançou a cabeça negativamente.

—Quero que leia algo que escrevi antes. — ela disse. Levantou-se com dificuldade e foi até a sala, devagar. Pegou, na cômoda, os papéis que havia impresso há dois anos atrás.

Naqueles papéis haviam seus últimos escritos, não porque iria partir imediatamente, mas porque aquilo era tudo que lhe restava contar ao mundo. Intitulou o material como O Jardim de Margaridas. Foi até Benjamin e os entregou à ele, que imediatamente colocou os óculos pendurados em seu pescoço e cerrou os olhos.

—O que é? — ele perguntou, já desconfiado. Sabia do que o aquele título se tratava.

—Isso é tudo... — Francisca respondeu, olhando-o com ternura. Os mesmos olhos que pousavam sobre ele todas as noites antes de dormirem.

Não se sabe exatamente quando Francisca e Benjamin partiram e nem quem foi o primeiro ou último. Na verdade, isso nunca foi o mais importante sobre eles.

O amor de ambos não foi um amor impossível. Não foi um amor raro, daqueles quase épicos. Francisca e Benjamin se amaram de uma maneira pura e simples, provando que o amor mora na simplicidade e é nela que mora a beleza e o prazer que é viver. Com eles, lembramos o privilégio que temos quando encontramos alguém com quem vale a pena compartilhar toda uma vida.

Em frente à casa de ambos, o jardim de margaridas nunca deixou de existir. As flores que morriam deixavam sementes e, dessas sementes, outras delas nasciam por todo o campo verde. Nem mesmo a finitude da vida foi capaz de barrar a força de sua história.



sobre a autora

Maria gosta de pensar que a escrita foi sua grande perseguidora ao longo de seus 26 anos. Escreveu e desistiu por várias vezes, graças a uma questão que acaba por ser inerente a todos: a vida. Mas um dia aceitou que, talvez, a sua maneira de se manter viva seja pegar papel, caneta (ou notebook, claro) e escrever.

Ama dias frios, fotografias, livros, chocolate quente, trilhas sonoras, flores (surpresa) e toda forma de arte. Acredita que a beleza pura vive na simplicidade, por isso, se esforça diariamente para vê-la.

Atualmente, posta periodicamente seus escritos em seu blog: [Uma Carta às Flores](#).



[@umacartaasflores](#)